

O POETA E A INQUISIÇÃO  
Gonçalves de Magalhães

PRIMEIRO ATO

CENA I

*Vista de sala particular em casa de Mariana. De um lado uma cômoda, sobre a qual estará um oratório fechado, cujo destino se indicará no segundo ato. Do lado oposto uma mesa, e um candeeiro antigo. Mariana sentada, com um papel na mão, como que estuda sua parte teatral. Lúcia em pé, espevitando a luz.*

MARIANA e LÚCIA

MARIANA – Deixa-me, Lúcia; deixa-me tranqüila;  
Vai-te, deixa-me só... Repousar quero.  
Esta cabeça de fadigas tantas.  
De mim terias pena, se soubesses  
Que turbilhão de fogo me devora  
Sente tu mesma, toca. (*Levando a mão de Lúcia à cabeça.*)

LÚCIA – Oh, como queima!  
Parece um forno!... Que terrível febre!  
Senhora, quer que eu faça alguma coisa?  
Quer que eu chame o doutor?

MARIANA – Não; nada quero.  
Somente que me deixes, eu te peço.

LÚCIA – Como a posso deixar em tal estado?  
Fora preciso um coração de pedra.  
Não... agora me lembro... vou fazer-lhe  
Um remédio caseiro; espere, eu volto. (*Sai.*)

CENA II

MARIANA – Pobre Lúcia, que amor tu me consagras...  
És quase mãe, fiel, sincera amiga.  
Quantas obrigações eu te não devo...  
Oh! que aguda pontada!...

CENA III

LÚCIA (*Voltando com um copo na mão*) – Aqui lhe trago  
Um remédio bem simples, mas que cura;  
É um pouquinho d'água com vinagre.  
Molha-se o lenço... assim... É coisa santa;  
Não tenha medo; aplique-o sobre as fontes.  
Ensinou-me... quem mesmo?... nem me lembro.

MARIANA – Oh, que dor! fez-me mal a frialdade.

LÚCIA – *É sempre assim; daqui a pouco passa:*  
Mas tenha paciência.

MARIANA – Estou mais calma;  
O calor se dissipa, e a dor se abranda. (*Pega no papel para ler*)

LÚCIA – Deixe, senhora, esse papel maldito.  
Que praga! Forte teima de leitura!  
Continuamente a ler!... Nunca descansa!  
Eis aí porque sofre... não se queixe.  
O mesmo ferro, quando muito o malham,  
E a pedra, quando a batem, ferem fogo,

Quanto mais a cabeça, que é sensível!  
Isso é mania!

MARIANA (*Levantando-se*) – Vê como é difícil

O trabalho da mente, e o quanto custa  
Ter um nome no mundo! Enquanto dormes  
No teu leito tranqüila, eu velo, eu luto.  
A noite para ti traz o repouso,  
E se o dia ao trabalho te convida,  
Com a paz no coração deixas o leito.  
Teu diurno trabalho não te cansa;  
Com a paz no coração ao leito voltas.  
Mas eu, quando repouso? Ante um espelho,  
Estudando paixões, compondo o corpo,  
Mil expressões numa hora procurando,  
Meus dias passo; – e tu doida me julgas  
Quando me vês gritar, lutar, ferir-me,  
E às vezes investir-te delirante!  
Durante a noite minha fonte escaldo  
Junto desta candeia, que me aclara,  
Sua negra fumaça respirando,  
Ou medindo o salão de um lado a outro  
Sempre com o meu papel diante dos olhos  
Como um espectro do sepulcro erguido,  
Em desalinho, pálida: e cem vezes  
Primeiro a luz se apaga, que eu me deite.  
Se busco o leito então, oh, que tormento!  
Da cabeça inflamada o sono foge;  
Nova cena a meus olhos se apresenta.  
No teatro me cuido; escuto a orquestra,  
Vejo a platéia, e os camarotes cheios,  
Ouço os aplausos, bravos que me animam,  
E com esta ilusão a vida cobro.  
Mas eis que durmo, sonho, e de repente  
Ao som da pateada aflita acordo.  
É manhã; – e outra vez começa a lida.

LÚCIA –

Oh vida! Oh ilusão! Oh meu martírio!  
Oh! certamente que me causa pena.  
Tanto eu não poderia: antes quisera  
Uma esmola pedir de porta em porta,  
Do que seguir tal gênero de vida.  
E então porque ralar sua existência?!  
Para agradar ao povo! e apresentar-se  
A rir, ou a chorar, como uma doida!

MARIANA –

Que dizes tu? Coitada! o teu discurso  
Bem mostra que da glória o amor não sentes.

LÚCIA –

Não sinto, e queira o céu que eu nunca o sinta;  
**Que se da glória o amor é que lhe causa**  
Tantas inquietações, tantas vigílias,  
Desprezo tal amor. Eu de contínuo  
Nas minhas orações me recomendo,  
Quando me deito, ao grande Santo Antônio,  
E ao meu anjo da guarda que me ajudem,  
E de vis malefícios me preservem.  
Só quero amar a Deus... Diga, senhora,  
Porventura Camões amava a glória ?

MARIANA –

Oh, se a amava!... E que luso depois dele tanto amou-a?

LÚCIA –

Pois bem, sempre foi pobre;  
Na miséria viveu, pedindo esmolas,  
E morreu no hospital. senhor Antônio

Que lhe diga o que ganha com as comédias  
 Que ele compõe, para agradar ao povo.  
 MARIANA – Ganha a reputação de Plauto Luso, de um ilustre  
 escritor, de um grande homem.

LÚCIA (*Com ar de paixão*) – Melhor fora dizer – de um pobre  
 homem.

MARIANA – E o que tem a pobreza com o talento?

LÚCIA – **Muito; que em Portugal andam casados.**  
 E se o senhor Antônio continua,  
 Já lhe prevejo um fim bem miserando.  
 Eu só ouço dizer que ele é jocoso,  
 Que faz as pedras rir: eis porque o amam.  
 E se não fosse a banca, e os demandistas  
 Que lhe dão de comer, creio decerto  
 Que ele morto estaria há muito tempo,  
 Ou pelas portas pediria esmola  
 Como o pobre Camões... Camões!... Coitado!!  
 Quando da sua sorte me recordo,  
 Em lágrimas meus olhos se convertem.  
 Pobre homem... Tão moço!... Cavalheiro,  
 Que pudera ter sido alguma coisa,  
 Dar em poeta!... Andar fazendo versos!  
 Errando pelo mundo; naufragando!  
 Vir à Lisboa, e aqui pedir esmolas;  
 Comer o pão com lágrimas molhado;  
 (*Com tom de piedade e de paixão*)  
 Morrer num hospital! Eu creio vê-lo (*Limpando as lágrimas*)  
 Envolto num lençol, no adro da Igreja,  
 Sobre o pedra estendido, ali, exposto,  
 Movendo a piedade de quem passa,  
 Que lhe atira um real para sua cova!...  
 Oh meu Deus, que castigo!...Eu tenho um filho,  
 Um filho que também erra no mundo;  
 Faze que ele da glória o amor não sinta;  
**Que não tenha talento, e sobretudo**  
 Que não seja poeta, porque possa  
 Ser feliz sobre a terra.

MARIANA – O teu discurso,  
 Malgrado meu, o coração me toca.  
 Confesso que não falas sem motivo.  
 Mil vezes refletindo sobre a sorte,  
 Vendo a miséria perseguir o gênio,  
 A ingratidão dos homens, a injustiça,  
 A infâmia que sobre ele a inveja lança,  
 E o desprezo da vil mediocridade,  
 Que no lodo se arrasta como o verme,  
 E outro Deus não conhece mais que o ouro,  
 Discorro como tu; e só desejo...  
 Nem sei o que... morrer... deixar o mundo.  
 Confesso que abraçaria o teu conselho,  
 Se não fosse ser eu já conhecida,  
 E não poder arrepiar caminho.  
 Sobre mim julga o povo ter direito.  
 Amanhã se eu disser: “Adeus, teatro!”  
 Todos se julgarão autorizados  
 A me vir indagar qual o motivo.  
 Que não diria o povo? e que calúnias,  
 Que infâmia sobre mim não lançaria?

Quase que sou escrava. – No que dizes,  
 Acho muita razão.  
 LÚCIA – Mas não a segue.  
 MARIANA – Nem posso.  
 LÚCIA – Então por quê?  
 MARIANA – É impossível.  
 LÚCIA – Impossível!  
 MARIANA – Sim, Lúcia.  
 LÚCIA – Quem a impede  
 De seguir meu conselho?  
 MARIANA – A minha sorte.  
 Cada qual tem a sua; a minha é esta.  
 LÚCIA – Mas a sorte se muda; mude a sua.  
 MARIANA – E tu por que não mudas tua sorte?  
 LÚCIA – A minha é outro caso; e só Deus sabe  
 Se lhe eu peço que a mude; – mas de balde.  
 MARIANA – Ah! tu cuidas que é Deus quem te embaraça  
 De mudar tua sorte?  
 LÚCIA – Oh, certamente!  
 Não tenho vocação de andar servindo,  
 Nem faço gosto nisso.  
 MARIANA – Pobre Lúcia,  
 Dás armas contra ti; sem gosto serves,  
 E cuidas não poder mudar de vida,  
 A culpa pondo em Deus, e tu me acusas?  
 Queres sem mais razão que eu mude a minha,  
 Quando por vocação me dou à cena?  
 Tenho razão demais para segui-la.  
 LÚCIA – Lá, senhora Mariana, em argumentos  
 Não me quero meter com a senhora;  
 Não tiro conclusões, nem tenho estudos:  
 Mas enfim a razão está dizendo,  
 E dizer tenho ouvido a muita gente,  
 Que é melhor e mais nobre ser criada  
 Que ser comediante.  
 MARIANA – Lúcia, é muito!  
 Nunca pensei que a tanto te atrevesse.  
 Se não fora o ter dó do teu estado,  
 Hoje mesmo...  
 LÚCIA – Senhora não se ofenda;  
 Disse isto por dizer; sou uma tonta;  
 Desculpe esta ousadia.  
 MARIANA – Eu te perdô;  
 Tu pensas como o vulgo.  
 LÚCIA – Eu me retiro.  
 MARIANA – Vai-te, vai-te deitar.  
 LÚCIA – Se necessita  
 De mim alguma coisa...  
 MARIANA – Nada quero.  
 LÚCIA – Boa-noite, senhora.  
 MARIANA – Deus te ajude.

#### CENA IV

MARIANA (*Só*) – Entretanto ela pensa como o mundo,  
 Que nos vê com desprezo, e que nos trata

Como uma classe vil e desgraçada,  
 Sem honra e sem pudor; que ousa mostrar-se  
 Em público debaixo de mil formas,  
 Só por amor do ganho; hoje trajada  
 Com as vestes reais de soberana,  
 Amanhã com os andrajos da pobreza...  
 Para rir, e passar alegre uma hora,  
 Não para corrigir seus ruins costumes,  
 O teatro procuram: nós lhe damos  
 Envolto em mel um salutar remédio;  
 Com seus próprios defeitos e seus erros  
 Excitamos o riso; e outras vezes  
 Com o quadro da desgraça e da virtude  
 Na alma nobre paixões lhes acendemos,  
 Mostramos a inocência perseguida,  
 Um pai sem coração, um filho ingrato,  
 Uma esposa infiel, um Rei tirano,  
 Um magistrado que a justiça vende.  
 Interpretando a história, e dando vida  
 Às sublimes lições da Poesia,  
 Lhes mostramos os rápidos contrastes  
 Do nada e da grandeza: eles nos ouvem,  
 Eles nos vêem com lágrimas nos olhos;  
 E quando nós lhes embebemos na alma  
 A dor, a compaixão, o amor, e a ira,  
 Esquecidos mil vezes, nos transportes,  
 Que dos quadros que vêem, eles são normas,  
 Que de crimes iguais são réus às vezes,  
 Cheios de entusiasmo nos aplaudem,  
 Choram mesmo conosco, e se envergonham  
 Ao aspecto do quadro, que desperta  
 Como um remorso vivo a consciência  
 De seus crimes; – porém a noite passa,  
 E amanhã o desprezo é nosso prêmio!...  
 Nós somos como a flor, que, enquanto fresca  
 Seu cheiro exala, a guardam cuidadosos;  
 Mas logo que exalou o aroma todo,  
 Logo que murcha, para o canto a atiram.  
 Assim pratica o povo, ingrato sempre!...  
 Eu sei que isto é assim; porém que importa!  
 Não posso resistir ao meu instinto...  
 Um imenso teatro é este mundo;  
 Um papel aqui todos representam;  
 Eu represento dois, de dia e noite.  
 Eis meu único crime. (*Batem com força na porta*)  
 Mas quem bate  
 Com tanta força? Quem será? (*Batem de novo*)  
 Quem bate?

ANTÔNIO JOSÉ (*Da parte de fora*) – Abre a porta, Mariana, abre depressa.

MARIANA – É Antônio José! (*Apresentada, abre a porta*)

#### CENA V

*Antônio José entra assustado, e arquejando de cansaço encosta-se na porta com a mão na chave, depois fecha a porta e assenta-se sem dizer coisa alguma. Mariana todo este tempo terá os olhos firmes sobre ele cheia de terror; depois de grande silêncio de parte*

a parte Antônio suspira, e então Mariana fala.

## MARIANA e ANTÔNIO

MARIANA – Senhor, que tendes?

Estás doente?

ANTÔNIO JOSÉ (*Levantando-se furioso*) – Sim; mas é de raiva

De não poder tragar esses sicários,  
Raça vil, bando infame de assassinos,  
Que vivem de beber o sangue humano;  
Oh, maldição do céu caia sobre eles.

Maldição! maldição! o céu me escute.

MARIANA – Oh, já vejo: ladrões vos atacaram!

Quiseram vos roubar! Estais ferido?

ANTÔNIO JOSÉ – Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicários!

Por toda parte só ladrões encontro;

Tudo se rouba, vida, honra, dinheiro;

Rouba-se ao português a liberdade,

E até o pensamento roubar querem.

Infames! Querem que o homem seja escravo,

Que seja cego e mudo, e que não pense,

Para melhor calcar-nos a seu grado!

De noite, aproveitando o horror das trevas,

Subalternos ladrões giram nas ruas,

E em cada canto o cidadão encontra

Um punhal, e uma cara de assassino!

Se dele escapa, em cada praça topa

Um refalsado amigo, um vil espia!

Não é seguro asilo a nossa casa.

Não há lei, nem costumes, nem governo,

Nem povo, nem moral; sobressaltado

Está sempre o homem, sempre receoso

Do que diz, do que pensa; nem no leito,

Nem no templo de Deus há segurança;

Lá mesmo vão perversos aninhar-se;

Lá se acoitam traidores homicidas,

Que se cobrem com o manto da virtude,

Para mais a seu salvo flagelar-nos.

Mais brutais, mais sacrílegos, infames!

Profanam de seu Deus, que adorar fingem,

O nome, e a lei de amor. E tu consentes,

Oh Deus! que me ouves, que os suporte a terra?

Que em teu nome perpetrem tantos crimes?

Mas se consentes tonsurados lobos

Sobre a terra, o castigo lhes preparas;

Sim, sim eu creio no futuro prêmio,

No castigo futuro. – Deus é justo.

MARIANA – Que discurso! – A razão terá perdido? (*À parte*)

Nunca vos vi assim! Que estranho caso

Vos pôde acontecer.

ANTÔNIO JOSÉ – Estou perdido.

MARIANA – Perdido! Como assim? Por que motivo?

ANTÔNIO JOSÉ – Nada sei.

MARIANA – Que aflição isto me causa!

ANTÔNIO JOSÉ – Os monstros!... se eu pudesse exterminá-los!  
Qual é meu crime? O que é que tenho feito,  
Para ser perseguido?

MARIANA – Perseguido?

ANTÔNIO JOSÉ (*Segurando na mão de Mariana*) – Sim, perseguido, sim; talvez agora  
Os vis denunciantes me procurem.  
Talvez mesmo a teu lado, quando cuido  
Estar salvo e seguro, alguém me escute.

MARIANA – Oh, que delírio!

ANTÔNIO JOSÉ – Não, eu não deliro;  
Nunca em mim a razão falou tão alto.  
Não estou seguro aqui. (*Furioso passa para o outro lado, empurrando Mariana*)

MARIANA – Oh, que injustiça,  
Senhor, vós me fazeis! Julgais acaso  
Que sou vossa inimiga? Quem vos pôde  
Inspirar essa idéia? E que motivos  
Tendes vós contra mim? Como é possível  
Que me trateis assim?

ANTÔNIO JOSÉ – Não, Mariana,  
Não me queixo de ti; eu te conheço;  
Sei que para salvar-me tudo deras;  
Mas é quase impossível.

MARIANA – Ainda ignoro  
Dessa mudança a causa.

ANTÔNIO JOSÉ – Como ignoras?  
Mas então tu não vês? Já te não disse?  
Queres pois que mil vezes te repita,  
Que não posso escapar, que me perseguem?

MARIANA – Mas quem?

ANTÔNIO JOSÉ (*Com furor*) – A Inquisição! A Inquisição!

MARIANA – Oh Deus! A Inquisição? (*Cheia de horror*)

ANTÔNIO JOSÉ (*Rindo-se de cólera*) – O Santo Ofício!

MARIANA – Que horror! A Inquisição!

ANTÔNIO JOSÉ (*Cólera misturada de piedade*) – Oh que ironia!  
O Santo Ofício... Santo?... O Santo Ofício,  
Mil vezes infernal! Obra do inferno!  
Santo!... Como está tudo profanado!  
Como os homens são maus! como eles zombam  
Até com o nome de Deus! Quem poderia  
Crer que a Religião de Jesus Cristo  
De instrumento servisse a tanta infâmia?

MARIANA – Sossegai; Deus protege os inocentes.

ANTÔNIO JOSÉ – No outro mundo, talvez.

MARIANA – E também neste.

ANTÔNIO JOSÉ – Neste não; que este mundo é dos malvados.

MARIANA – Mas entre eles também há homens justos.

ANTÔNIO JOSÉ – Para vítimas serem dos perversos.

MARIANA – Embora seja assim; o que nos cumpre  
É cuidar de salvar-vos!

ANTÔNIO JOSÉ – Porém como?  
Como da Inquisição fugir às garras?  
Se aqui fico, não posso estar seguro;  
E se saio, hoje mesmo serei preso.  
Pois bem, daqui não saio; que se cansem;  
Não lhes darei tão fácil a vitória.  
Cedo ou tarde a masmorra é infalível,

Mas quero que primeiro se exasperem.  
Lei de sangue, fundada na ignorância,  
Que se opõe à razão, e à natureza,  
Não é lei a que os homens obedeçam. (*Andando*)  
Antes quero morrer longe da Pátria  
Do que nela sofrer a tirania.  
Se para o cidadão não há direitos  
Não há também deveres... Sim, é justo.  
Vou escrever ao Conde de Ericeira.  
Dá-me papel... Eu quero que ele saiba  
A triste posição em que me vejo.  
Lúcia onde está?

MARIANA –  
ANTÔNIO JOSÉ –

Lá dentro.  
Vai chamá-la. (*Mariana sai.*)

#### CENA VI

ANTÔNIO JOSÉ (*Só, escrevendo*) – “Nobre Conde, entre a vida e a morte  
existo,

Um pé na Inquisição, outro no mundo;  
Decidi de que lado cair devo.  
(Não lhe quero pintar com negras cores  
O estado em que estou, para poupar-lhe  
Momentos de furor; – continuemos.)  
“Decidi, nobre Conde; em vós confio;  
Vós me podeis salvar; sem vós eu morro.”

#### CENA VII

ANTÔNIO JOSÉ, MARIANA, e LÚCIA

ANTÔNIO JOSÉ –

Toma, leva esta carta; mas de modo  
Que a não percas; vê bem. Com brevidade  
Vai à casa do Conde de Ericeira;  
Entrega a ele mesmo... Lúcia, escuta:  
Se o criado impedir-te de falar-lhe,  
Dize que vais daqui de minha parte;  
Não voltes sem resposta.  
LÚCIA (*Saindo*) – Que mistério!

#### CENA VIII

ANTÔNIO JOSÉ –

Agora vamos ver quem de nós vence.  
Oh Santa Inquisição, eu te assoberbo!

Fim do primeiro ato

### SEGUNDO ATO

#### CENA I

*A mesma decoração do primeiro ato. Mariana em pé encostada a uma porta, por onde  
mais tarde deve sair António José.*

MARIANA –

Ele dorme, tão perto da desgraça!  
Ele dorme; sua alma é inocente,  
Seu coração é puro. – Ai, pobre António!  
Goza ao menos esta hora de descanso;



Não te quero acordar; em paz repousa  
 Essa cabeça que o terror perturba. (*Caminha para o meio da cena*)  
 Feliz quem dorme! O sono é o refúgio  
 Do desgraçado; mais feliz ainda  
 Se ele nunca acordasse... E quem, quem sabe  
 Se este sono, depois de tanta angústia,  
 Este sono tranqüilo em leito estranho,  
 É a imagem do sono sobre o túmulo?  
 Um precursor da morte? Deus! quem sabe  
 Se é da vida este sono o derradeiro,  
 Seu último descanso sobre a terra?  
 E que acordando, em vez de ver a aurora,  
 Se ache na escuridão de uma masmorra?!  
 Ah! quem escapa ao tribunal de sangue,  
 Quando ele quer ferir? Tudo é inútil;  
 Nem vale a proteção, nem a inocência,  
**Nem o Rei de seu golpe está seguro!**  
 Oh, desgraçado Antônio! E ele repousa!  
 E ele dorme tão perto da masmorra! (*Caminhando para o oratório*)  
 Oh Mãe do Redentor, velai sobre ele;  
 Pedi por ele ao vosso Filho amado;  
 Sim, oh virgem de graça. (*Ajoelha-se*)  
**Eis-me prostrada**  
 A vossos pés, oh Mãe dos infelizes;  
 Tende de mim piedade; de uma pobre  
 Criatura sem Pai, sem Mãe, sem filhos,  
 Que se lembrem de mim, que me socorram.  
 Abracei uma vida de amarguras,  
 Mas fujo do pecado, amo a virtude,  
 E apareço no mundo das calúnias  
**Sem infâmia, sem crime; e tudo devo**  
 No céu a vós, na terra a este homem.  
 Sim, vós sois minha mãe, e ele tem sido  
 Sempre meu protetor, meu pai, e amigo.  
 Não permitais, oh Virgem, que ele sofra  
 Que ele morra, e que eu fique desgraçada. (*Antônio José suspira da parte de dentro*)  
 Que gemido, oh meu Deus! eu acordei-o. (*Levanta-se*)  
 Sem dúvida acordei-o... Talvez sonhe.  
 Nem dormindo repousa o malfadado. (*Caminha para porta do quarto*)  
 Escutemos... parou... nada... é que dorme. (*Voltando para o meio da cena; olha para o oratório*)  
 Lembrai-vos dele. (*Limpa os olhos, e abre uma janela que deita para a rua*)  
 Como tarda Lúcia.  
 Que noite escura! O céu como está negro!  
 Oh! que noite de horror!... nem uma estrela!  
 (*Soam 10 horas num sino da igreja. Mariana conta em voz baixa as horas*)  
 Dez horas!... Como a rua está deserta!  
 E Lúcia ainda não vem! Oh! que martírio! (*Fecha a janela, e vem para a cena*)  
 Que aflição para mim; quantos tormentos.  
 E amanhã como posso ir ao teatro?  
**Como desempenhar a minha parte?**  
 Não posso deixar de ir; é necessário  
 Trabalhar toda a noite e todo o dia. (*Caminha para a mesa, toma um papel e reflete.*)  
**Ignês de Castro!... que papel difícil!**  
 Não preciso fingir; como me sinto,  
 Melhor exprimirei paixões alheias.  
 Vejamos;... ensaiemos esta cena. (*Dispondo a cena para representar.*)

A ama aqui está; ali sobressaltado  
 O coro anuncia a minha morte,  
 Que o Rei, e armada gente me perseguem.  
 Em torno de mim choram; quase insana,  
 Cheia de horror, eu vejo os meus filhinhos;  
 Quero fugir, exclamo: – <sup>1</sup>“Sonhos tristes!  
 Sonhos cruéis! Por que tão verdadeiros  
 Me quis este sair? Oh espírito meu,  
 Como não creste mais o mal tamanho  
 Que crias, e sabias? Ama, fuge,  
 Foge desta ira grande, que nos busca.  
 Não quero mais ajuda, venha a morte,  
 Morra eu, mas inocente...”

CENA II  
 MARIANA e ANTÔNIO JOSÉ

ANTÔNIO JOSÉ (*Entra furioso, sem ver Mariana, como perseguindo alguém*) –

Morre, morre,  
 Eu me vingo de ti, monstro nefando!

MARIANA – Que escuto! oh céus! que vejo!

ANTÔNIO JOSÉ –

Morre, morre.

Não podes escapar; não (*Lutando só, no meio da cena*)

MARIANA –

Que delírio (*Corre para ele*)

Vós sonhais; acordai, Senhor Antônio!

ANTÔNIO JOSÉ –

Onde está?... De que lado ele escondeu-se?

MARIANA –

Não há ninguém aqui; eu tão-somente,

E vós: estamos sós.

ANTÔNIO JOSÉ –

Então que é dele?

MARIANA –

Isso é sonho.

ANTÔNIO –

Quem és?

MARIANA –

Sua Mariana.

Sou eu mesma... Aqui estou a vosso lado.

ANTÔNIO JOSÉ (*Abraçando-a*) – Pobre Mariana!... Que secura  
 ardente.

MARIANA –

Quer água? Eu vou buscar. (*Sai*)

CENA III

ANTÔNIO JOSÉ (*Só, assenta-se*) – Que sonho horrível!

Onde estou eu?... Em casa de Mariana...

Como estou! (*Examinando o seu vestuário.*)

Acordei sobressaltado...

Que suor frio! Estou gelado... Eu tremo...

Que peso sobre a fronte... Que secura...

Tenho a garganta ardente.

CENA IV  
 ANTÔNIO JOSÉ e MARIANA

MARIANA –

Eis aqui água;

Beba de uma vez.

ANTÔNIO JOSÉ (*Depois de ter bebido*) – Como é suave! Oh, que  
 prazer!

<sup>1</sup> Estes versos são de *Castro* de Antônio Ferreira; Ato III, cena 3.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

